

70 M | A | RGS

WILSON CAVALCANTI

OS JARDINS QUE ME HABITAM

O reconhecimento da obra de **Wilson Cavalcanti** (Pelotas, 1950), o Cava, está em grande parte associado à sua **produção em gravura**, devido à trajetória ligada a esta linguagem, seja como artista, técnico impressor e instrutor no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre.

Porém, ao nos debruçarmos sobre sua obra e pensamento artístico, facilmente perceberemos que a **gravura é apenas uma de suas facetas enquanto artista**.

A exposição "Os jardins que me habitam" procura explorar uma **compreensão mais complexa sobre a sua produção**, sendo também a primeira individual do artista a trazer uma **abordagem mais abrangente e histórica** sobre a sua obra e trajetória de mais de cinco décadas.

Deste modo, temos a oportunidade de vislumbrar nesta exposição uma **pluralidade de linguagens e hibridizações**, em que é evidente o **alargamento das noções tradicionais do que viria a ser pintura, gravura, desenho e objeto**, travando um profundo diálogo com as próprias transformações do campo e do fazer e refletir artístico do Rio Grande do Sul nas últimas décadas.

A pureza de um meio é uma exceção na produção de Cava, pois, ao observarmos a sua trajetória, o que se impõem são a **contaminação, a sobreposição e o estilhaçamento das linguagens ditas "tradicionais"**. Este aspecto experimental/conceitual na obra do Cava costuma ser suprimido em face a um olhar ligeiro, superficial e parcial da sua produção, geralmente voltado ao artista gravador. Isso ocorre também devido a um lugar marginal no sistema que a obra e a figura do artista ocuparam por décadas.

Além de trazer a parte mais reconhecida de seu trabalho, sobretudo o **viés figurativo e expressionista em gravura e pintura**, a exposição procura **redimensionar a sua obra** ao trazer a público **produções menos conhecidas**.

São os casos de seus **desenhos-pinturas**, suas **pinturas-objetos**, os **procedimentos construtivos** e os **flertes com a abstração**, assinalando a importância em sua poética pessoal e a relevante contribuição no contexto das transformações do meio de arte e das convenções do fazer artístico vivenciadas por sua geração na história da arte sul-rio-grandense.

Assim, a mostra revela um artista inquieto, polivalente, em constante produção e que pauta a sua prática artística em grande parte pelo emprego dos procedimentos experimentais e mesmo conceituais que desenvolve.

São apresentadas mais de 100 obras, realizadas desde os anos 1970, incluindo parte de seus trabalhos que integram o Acervo Artístico do MARGS, onde está representado com mais de 30 obras.

Embora esteja presente na coleção e atuante em atividades e exposições do Museu nos últimos 50 anos, Wilson Cavalcanti ainda não havia tido na instituição uma mostra monográfica, de caráter panorâmico, histórico e retrospectivo como esta.

Considerando a extensão e a diversidade de sua produção e trajetória, a organização da exposição evita uma orientação temporal/cronológica, em favor de **agrupamentos por afinidades diversas**, oferecendo possíveis e abertas chaves de leitura e compreensão.

Cava tornou-se o jardineiro de seu próprio jardim, por isto um utópico. O jardineiro não controla tudo, mas planeja, cuida, orchestra, apara, trabalha e, sob seu olhar, as flores desabrocham. O jardineiro criva o caos, busca o equilíbrio entre as partes, conhece a relação entre o ser e o meio, não se rende às intempéries e às determinações biológicas, mas age a partir delas. O jardineiro se suja, se corta, transpira e sonha enquanto atua sobre a matéria, e a matéria atua sobre ele; e assim, em uma simbiose, um



Detalhe de "Olhar estofo" (2002), tinta acrílica, lona, madeira, terra e óxido de ferro, 93 x 63 cm. Acervo MARGS

transforma o outro, num jardim regado pela precariedade em terras de cinismo e preconceito.

Notório questionador e contestador, Cava tem sua **personalidade e trajetória marcadas pela independência e pelo pensamento próprio**, mantendo-se **autêntico e coerente à sua própria forma de produzir e estar no mundo**, sem fazer concessões, sobretudo as que envolvam agradar o gosto ou a receptividade, absolutamente consciente das repercussões e implicações.

Na comunidade artística, a sua atuação é marcada pela defesa dos artistas, por meio da atuação em iniciativas que envolvem agrupamentos e ações coletivas. Sua trajetória é intimamente ligada ao Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre. Começa já na formação inicial, que se dá entre 1968 e 1977, estudando desenho, gravura em metal,

xilogravura e litografia e convivendo com importantes mestres, como Anestor Tavares, Paulo Peres e Danúbio Gonçalves. E prossegue depois, sobretudo a partir de 1996, quando se torna professor do Atelier Livre, onde dá aulas até 2020.

Assim, com esta exposição, procura-se **revisar historicamente e aprofundar o entendimento público da diversificada e extensa obra** de Cava, pretendendo contribuir para uma **perspectiva mais abrangente e complexa** a respeito de sua produção e trajetória desenvolvidas nos últimos 50 anos.

FELIPE CALDAS

Curador convidado.
Artista e doutor em Artes Visuais – História, Teoria e Crítica.
É professor da FURG.

FRANCISCO DALCOL

Diretor-curador do MARGS.
Doutor em Artes Visuais – História, Teoria e Crítica.

A exposição "Wilson Cavalcanti — Os jardins que me habitam" é apresentada como parte de 2 programas expositivos em operação no MARGS que são interligados: "Histórias ausentes", voltado a resgates e reconsiderações históricas, e "História do MARGS como história das exposições", que aborda as interseções entre a história institucional do Museu e as trajetórias de artistas.

PELOTAS/RS,
1950

WILSON CAVALCANTI

Conhecido como Cava. Já assinou como Will, Will Cava, e Cavalcante.

É artista e professor, tendo atuado como educador social.

Desde o final dos anos 1960, desenvolve produção diversificada em desenho, gravura, pintura e objeto, em grande parte marcada pela abordagem figurativa de viés expressionista.

Na gravura em metal e em litografia (em pedra), predominam temas e questões de cunho social e político. Já nas xilogravuras (em madeira), o erudito e o imaginário popular.

Em sua produção, emprega procedimentos experimentais com materiais não artísticos, incluindo elementos naturais, industriais e resíduos/descarte.

Sua trajetória é intimamente ligada ao Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, onde estudou e deu aulas.

Em 1976, participa do Festival de Inverno de Ouro Preto, estudando gravura em metal com Assunção Souza. Na mesma época, faz cursos com Carlos Martins, Marília Rodrigues e Romildo Paiva.

Entre 1974 e 1978, tem cartuns e histórias em quadrinhos publicados em jornais e revistas como Folha da Manhã, Pasquim, Zero Hora, Versus e Planeta.

Participa de exposições coletivas desde os anos 1970, inclusive no MARGS, tendo já exposto em países como Uruguai, Argentina, Chile, Alemanha, França, Holanda,

Grécia, Canadá, México, Japão, Espanha e Egito

Na década de 1970, frequenta espaços artísticos como o Ponto de Arte. Na convivência com artistas como Gustavo Nakle e Maria Tomaselli, participa de iniciativas como o Mercado das Artes e de manifestos coletivos.

Sua primeira exposição individual ocorre em 1982: intitulada “Ex-posição”, consistiu em um evento-manifesto na Salamandra Galeria, com o qual marcou o seu movimento de retirada do campo da arte, afastamento que manteria até 1985.

Na parceria com o artista Paulo Chimendes, formam uma dupla de impressores de gravura bastante requisitada.

Entre os anos 1980 e 90, atua na criação do ateliê de gravura em metal do Museu do Trabalho, frequenta o MAM — Atelier de Litografia de Porto Alegre e o Atelier de Litografia Oficina 11.

Entre 1997 e 2000, divide com Vitor Ortiz a Secretaria de Cultura de Viamão (RS).

Além do acervo do MARGS, tem obras na Pinacoteca Aldo Locatelli de Porto Alegre, Fundação Vera Chaves Barcellos, Pinacoteca Barão de Santo Ângelo da UFRGS, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (Pelotas/RS), Museu de Artes Visuais Ruth Schneider (Passo Fundo/RS), Museu de Arte Contemporânea de Curitiba e Museu Casa da Xilogravura (Campos do Jordão/SP).

Vive em Viamão (RS), onde mantém seu ateliê.



Governo do Estado do RS, Secretaria de Estado da Cultura,
Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS e Bannrisul apresentam

WILSON CAVALCANTI

OS JARDINS QUE ME HABITAM

CURADORIA
FELIPE CALDAS
FRANCISCO DALCOL

VISITAÇÃO
25.11.2023 A 18.02.2024

MARGS
GALERIA IBERÊ CAMARGO
E SALA OSCAR BOEIRA

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL – MARGS
Praça da Alfândega, s/nº, Centro Histórico | Porto Alegre, RS | Brasil
Terça a domingo, 10h às 19h (último acesso 18h) | Entrada gratuita

 www.margs.rs.gov.br   /museumargs

ASSOCIE-SE
Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul | AAMARGS

 www.margs.rs.gov.br/aamargs

VISITAS MEDIADAS
O Núcleo Educativo e de Programa Público do MARGS oferece visitas mediadas às exposições para visitantes individuais, grupos e escolas, mediante agendamento prévio. São também oferecidas visitas técnicas. As solicitações devem ser feitas pelo email: educativo@margs.rs.gov.br

PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



APOIO

